

# O BARULHO QUE FIZ COM UM TEXTO I

*Um dossiê das repercussões de um texto sobre a regulamentação da profissão de jornalista publicado na rede mundial de computadores.*

**Maxwell dos Santos**

Vitória/ES  
2009

DIPLOMA DE JORNALISMO

## **Dez argumentos pelo fim da obrigatoriedade**

*Artigo publicado no Centro de Mídia Independente e no Overmundo com o título: O fim do diploma de jornalista.*

Por Maxwell dos Santos em 27/1/2009

Desde pequeno, eu sempre quis ser jornalista. Sempre tive a habilidade de redigir textos. Para isso, fiz cursinho durante dois anos para tentar a carreira na Universidade Federal do Espírito Santo, não obtendo êxito. Hoje curso História (2º semestre) nesta mesma universidade. Cheguei a cogitar pedir reopção, mas fui informado que teria que esperar até o 3º semestre para pedi-la e que uma vaga de reopção é mais concorrida que o próprio vestibular.

Alguns dias atrás, li uma série de artigos de Alberto Dines, Maurício Tuffani, Ewaldo Oliveira, Luiz Weis e Engel Paschoal a respeito do fim da obrigatoriedade do diploma para a prática do jornalismo em todo o país. Todos contrários à obrigatoriedade.

É importante ressaltar que este ano a lei que disciplina a profissão faz 40 anos e a regulamentação desta completa 30 anos.

Mas, foi [um artigo](#) do antropólogo George Zarur que me fez questionar a obrigatoriedade do diploma para profissões que não trabalham diretamente com a vida e a segurança das pessoas. Com base nestas leituras apresento tais argumentos:

### **1) Resquício do regime militar**

O decreto-lei 972/69, que regulamenta a profissão de jornalista, é uma herança do regime militar que, com base em atos institucionais, visava a identificar veículos e profissionais existentes no país e exercer sobre eles a censura; por isso, nos veículos havia censores para aprovar o que poderia ou

não ser divulgado. Outro objetivo era afastar e constranger aqueles jornalistas que não tinham diploma e que em sua imensa maioria eram opositores do regime militar. Para isso, os generais trataram de esvaziar os cursos de ciências sociais, antros de marxismo e costumeiros fornecedores de esquerdistas para as fileiras da imprensa.

Ele foi editado no dia 17 de outubro de 1969 pela junta militar que governou o país: Aurélio de Lyra Tavares, ministro do Exército (presidente da junta), Augusto Rademaker, ministro da Marinha e Márcio de Mello e Souza, ministro da Aeronáutica.

Além disso, foi um afago dos militares aos profissionais da comunicação, que passaram a contar com melhorias trabalhistas, como aposentadorias precoces e vantajosas, jornada de trabalho de cinco horas diárias e a reserva de mercado. Em compensação, minou a liberdade de expressão no Brasil.

## **2) Reserva de mercado, indústria do canudo**

A indústria do canudo é a grande beneficiada com a reserva de mercado para diplomados em jornalismo. E fez surgir um mercado de trabalho artificial dos professores de Jornalismo. Com exceção das universidades públicas e aquelas ligadas a entidades confessionais, as universidades privadas põem no mercado um verdadeiro exército de jornalistas que não têm a mínima condição de entrar nesse mercado, que não sabem botar ponto e vírgula numa oração, tampouco redigir meia lauda.

Os chefes de redação e donos de jornais estão desencantados com esse exército muito ruim de jornalistas diplomados que tem saído nesses últimos 40 anos.

É o reflexo da tradição bacharelesca que impera no país desde os idos coloniais, onde há a substituição do conteúdo pela forma (o conhecimento pelo diploma). O diploma tornou-se uma espécie de autorização, uma "carteira de motorista" para se tráfegar no mercado de trabalho, principalmente no

jornalístico. Instituições de ensino superior são cartórios que vendem à prestação a licença para trabalhar.

Quem não leva jeito com a língua portuguesa, corre o sério risco de sair do curso de Jornalismo carregando as dificuldades do ensino médio. Não é por causa de um diploma superior de Jornalismo que a qualidade da profissão se elevará, como apregoam os fenajistas, mas em melhorias na qualidade do ensino fundamental e médio e estímulos culturais produzidos pela família, pelo meio ambiente e pela escola secundária. Sem isso, o diploma é apenas um canudo. Na verdade, não existe diploma de jornalista, mas sim, diploma de bacharel em comunicação social com habilitação em jornalismo.

Com o fim da obrigatoriedade do diploma, as faculdades de comunicação teriam que mudar seus currículos para sobreviverem e aqueles que escolherem graduar-se em jornalismo deveriam ter ciência de que apenas o diploma não conferiria o privilégio do registro para disputar vagas. E os jornalistas diplomados, o canudo será o que deveria ter sido: um diferencial para disputa com mais possibilidades uma vaga no mercado aberto.

### **3) Função intelectual que se escora no dom do espírito**

Ao contrário de médicos, advogados e engenheiros, cujas atividades trabalham com a vida e a segurança das pessoas (consequentemente, precisam de cursos técnicos e diplomas que atestem sua capacidade profissional), o jornalista escora-se no dom do espírito, independente da natureza de sua profissional. O jornalista tem que ter uma formação cultural sólida, que não se adquire somente na faculdade, mas pelo hábito de leitura e exercício da prática profissional.

### **4) Liberdade de manifestação do pensamento**

O decreto-lei 972/69 colide com os princípios constitucionais de liberdade de expressão, conforme expõem os artigos 5º, incisos IV (é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato) e IX (é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente

de censura ou licença) e 220, parágrafos 1º (determina que nenhuma lei conterá dispositivo que possa constituir embaraço à plena liberdade de expressão) e 6º (que a publicação de veículo impresso de comunicação independe de licença de autoridade).

A lei 9610/98 (lei do direito autoral) qualifica o trabalho jornalístico (matérias, artigos e crônicas) de qualquer natureza, como obra intelectual protegida. Até quando se pretende impedir a transmissão de uma criação pelo fato de seu criador não possuir diploma?

### **5) Tratados internacionais**

O Brasil é signatário da **Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948)**, da Declaração Americana de Direitos Humanos, conhecida também como **Pacto de São José da Costa Rica (1992)** e da **Declaração Internacional de Chapultepec (1996)**. Todas elas pregam a liberdade de expressão e a abolição de controles oficiais ou particulares do papel de mídia. Vale mencionar que, em 1985, a **Corte Interamericana de Direitos Humanos** esclareceu ao governo da Costa Rica que a obrigatoriedade do diploma para a prática do jornalismo fere a **Convenção Americana de Direitos Humanos**.

É inadmissível que a Fenaj, os sindicatos afiliados e os professores de Jornalismo façam silêncio desse assunto e continuem escondendo essas informações dos estudantes, que estão sendo utilizados como massa de manobra por estes últimos.

### **6) Mercado seleciona, independente de diploma**

O saudoso jornalista Cláudio Abramo (1923-1987) dizia que a liberdade de imprensa é a liberdade do dono do jornal. Porque acredito que o mercado deveria selecionar os jornalistas para o trabalho nos meios de comunicação, com ou sem diploma. Jornalistas deveriam ser contratados e assim considerados pelo trabalho que desenvolvem, e não pelos títulos que ostentam.

### **7) Na maioria dos países, não é obrigatório**

A formação superior em Jornalismo para a prática da profissão não é necessária, tampouco condição suficiente para o exercício da profissão, nos seguintes países: Alemanha, Argentina, Austrália, Áustria, Bélgica, Chile, China, Costa Rica, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos, Finlândia, França, Grécia, Holanda, Hungria, Irlanda, Itália, Japão, Luxemburgo, Peru, Polônia, Reino Unido, Suécia, Suíça e muitos outros. A mentalidade que vigora nestes países é a de que não pode haver impedimentos para qualquer cidadão ingressar no jornalismo, mas até criar e manter o seu próprio jornal.

### **8) Obrigatoriedade é repudiada por organizações internacionais**

Em 1987, a World Press Free Comitee lançou a **Charter for a Free Press**. Naquele ano, entidades jornalísticas de 34 países reunidos em Londres estabeleceram 10 princípios para garantir a liberdade de imprensa no mundo. O nono diz explicitamente: "*As restrições por meio de regulamentação ou de outros procedimentos de certificação ao livre acesso ao campo do jornalismo ou sobre sua prática devem ser eliminados.*" O Comitee to Protect Journalists (CPJ) aponta a truculenta exigência de diploma para o exercício profissional de jornalista como uma das formas de agressão à liberdade de imprensa no relatório *Overview: The Americas*.

### **9) Ingresso de não diplomados elevaria a qualidade**

Com o ingresso de não diplomados em jornalismo nas redações, a qualidade editorial dos veículos de comunicação se elevaria se contasse com profissionais especializados, por exemplo:

a) Geógrafos e analistas de relações internacionais: poderiam ser correspondentes internacionais, pois têm uma visão de mundo bastante ampliada pelo pleno domínio da geopolítica e podem dar uma análise mais profunda da conjuntura internacional.

b) Filósofos, cientistas políticos e historiadores: seriam muito bons para fazer boas matérias na editoria de política, por terem uma bagagem intelectual

vastíssima em sistemas de governo, história do Estado, ética política. Os filósofos poderiam, através da lógica, estabelecer a análise do discurso dos políticos. Os historiadores poderiam estabelecer a relação de espaço e tempo para as análises de sistemas políticos.

c) Delegados de polícia e advogados criminalistas: na editoria de polícia, poderiam fazer editoriais na área de segurança pública e orientar os repórteres desta editoria na redação matérias.

d) Físicos, médicos, químicos e astrônomos: na editoria de ciência e tecnologia fariam matérias com mais rigor científico, porém acessíveis ao leitor médio.

e) Biólogos, meteorologistas e oceanógrafos: dentro da editoria de meio ambiente fariam reportagens mais primorosas sobre desequilíbrio ambiental, vida marinha e aquecimento global.

f) Economistas: dentro da editoria de economia fariam matérias mais analíticas, porém com linguagem acessível.

Esses profissionais deveriam ser recrutados e lapidados por meio dos cursos de residência em jornalismo dos veículos, como o da *Folha de S.Paulo* e da Editora Abril (muito disputados, diga-se de passagem), onde aprenderiam técnicas de jornalismo. Há quem condene por considerar estes cursos que apenas doutrina o jornalista aos interesses dos veículos. Por outro, os sindicatos de jornalistas também deveriam promover estes cursos de técnicas de jornalismo (gratuitos ou com preço simbólico) aos postulantes à profissão não diplomados, onde quem tivesse bom aproveitamento faria jus a um certificado, o registro de jornalista e a carteira nacional de jornalista.

O medo é o sentimento que impera nos jornalistas diplomados e na cúpula fenajista de ter que disputar mercado com profissionais mais especializados, quiçá mais competentes do que os coleguinhas de canudo. Alegam que somente o jornalista diplomado tem competência para a prática do jornalismo. Pensam que estão acima da lei.

## **10) Fenaj poderia ampliar base sindical**

Negando a emissão das carteiras nacionais de jornalista e a sindicalização aos jornalistas não diplomados, a Fenaj perde uma grande oportunidade em ampliar sua base sindical, o que causaria o aumento das contribuições sindicais e, por conseguinte, teriam mais recursos financeiros para fortalecer a luta da classe por melhores condições de trabalho.

Até quando a Fenaj prosseguirá com esse discurso tacanho, hipócrita e corporativista, por que não bacharelesco, da obrigatoriedade de diploma de jornalista para a prática do jornalismo, quando se sabe que a maioria das faculdades forma uma legião que não sabe o que é lead e acusando todos que são contrários ao diploma de fazer o jogo dos patrões?

Até quando os fenajistas e professores continuarão utilizando estudantes de jornalismo como massa de manobra para fortalecer esta vil reserva de mercado, que só beneficia os próprios jornalistas e as faculdades caça-níqueis?

Até quando playboyzinhos e patricinhas diplomados, que buscam exercer a profissão por pura vaidade, sem o menor dom para o ofício ocuparão as redações dos jornais, revistas e emissoras de rádio e TV?

Que os ministros do Supremo Tribunal Federal, principalmente o ministro Gilmar Mendes, olhem com apreço o Recurso Extraordinário 511961 – que vai definir a situação de milhares de jornalistas provisionados e aqueles que têm o dom para a palavra, mas não têm diploma – e lancem por terra os efeitos do decreto-lei 972/69.

## E-MAILS RECEBIDOS

**De:** fley nazú <acintevisual@gmail.com>

**Para:** sanmaxwell@gmail.com

**Data:** 2 de fevereiro de 2009 16:03

**Assunto:** O fim do diploma de jornalista by FLEY RADIALISTA  
**enviado por:** gmail.com

Caro Maxwell dos Santos! Faço minhas suas palavras, um forte abraço, amigo.

Não pude deixar de agradecê-lo por seu maravilhoso texto "O fim do diploma de jornalista".

Meu nome é Fley, com muita dificuldade consegui concluir um curso superior em comunicação, com habilitação em Radialismo. Esta mesma dificuldade social financeira, é usada por eles (fenajistas) numa espécie de Apartheid em nome da preservação de sua elite, uma maioria burguesa de filhinhos de papai que servem aos mesmos fins, tolhendo a população do exercício real do pensamento.

Tomando por base meu exemplo, o desdobramento da minha habilitação (Radialismo), envolve no processo de produção para rádio e tv, partindo da idéia propriamente dita até a sua concretização (materialização nos meios eletrônicos), possui várias etapas em que se faz necessário a criação de textos para vinhetas, roteiros para peças publicitárias e programas variados, documentários, filmes, novelas, laudas e pautas de cunho jornalístico, fazem parte do nosso dia a dia.

O texto está presente antes mesmo da captação, tratamento, edição de áudio e vídeo, até direção que por vezes é de nossa responsabilidade.

Então não há como aceitar a hipocrisia dos fenajistas e sua maldita reserva de mercado, protecionismo de sua casta feudal, muitos dos quais se vestem de vaidade e arrogância, se valendo de falso discurso de liberdade de expressão, conversa para boi dormir.

Muitos deles só sabem ler textos, sozinhos não conseguem sequer levar ao ar o próprio telejornal que apresenta, se valem de dezenas de outros profissionais que possuem conhecimento específico.

Partilho da opinião de que o próprio mercado de trabalho é capaz de selecionar

o bom profissional, muitos dos meus companheiros de universidade, nada aprenderam lá, de treze formandos, somente quatro estão no mercado...

Eu mesmo, que conheço de dentro todo o processo de criação, legislação e ética da informação, com formação universitária em comunicação (Radialismo), não estou habilitado?

É vergonhoso o que estes pseudoprotetores da liberdade de expressão, impõem à nossa sociedade, desmerecendo os longos anos de dedicação de profissionais legítimos, que escrevem a verdadeira história do país, fazem da verdade a razão de suas vidas, pessoas com talento nato, com conhecimento de mundo que nunca será resumido em uma grade curricular de academia.

MANIFESTO MEU DESEJO pelo fim da obrigatoriedade do CANUDO ELITISTA, que segrega os verdadeiros pensadores.

VIVA VERDADEIRA LIBERDADE DE EXPRESSÃO!!!

LIBERDADE AOS BONS PROFISSIONAIS, AQUELES QUE AMAM ESTE PAIS E SÓ TEM COMPROMISSO COM A VERDADE E O REAL DESEJO DE UMA SOCIEDADE MAIS JUSTA

**de** Jose Honorato <honorato.jose@gmail.com>  
**para** sanmaxwell@gmail.com  
**data** 30 de março de 2009 23:24  
**assunto** Urgente: Pela Abolição do Diploma de Jornalista  
**enviado por** gmail.com

Prezado Amigo,

Parabéns pelo seu artigo sobre o Diploma.

Caso ainda não o tenha feito, sugiro enviá-lo para todos os Ministros que votaram sobre a matéria na quarta-feira (1). Veja abaixo a lista com os e-mails, inclusive os dos chefes de gabinete (veja lá no final do e-mail).

Forte abraço,

J.H.

De **Jacob Nadler Blumen** <jacoblumen@gmail.com>

Para sanmaxwell@gmail.com,

Jose Honorato <honorato.jose@gmail.com>

Cc jornalistassemdiploma@gmail.com,

redacao@tribunadebetim.com,

mdjsd.mg02@gmail.com,

mdjsd.mg03@gmail.com,

mdjsd.sp01@gmail.com,

mdjsd.sp02@gmail.com,

mdjsd.rs01@gmail.com,

mdjsd.pb01@gmail.com,

mdjsd.sc01@gmail.com,

mdjsd.sc02@gmail.com,

mdjsd.pr01@gmail.com,

mdjsd.pa01@gmail.com,

mdjsd.se01@gmail.com

Data 31 de março de 2009 10:50

Assunto Re: Ref.: (RE) recurso extraordinário N°. 511961

enviado por gmail.com

Caro Maxwell,

O Ato de 69 relatado por Zarur embutia muito mais perversidade.

Saiba, a Junta queria era que os "não encontrados" aparecessem.

Na clandestinidade, sequer compareciam às redações, matérias, fotos eram enviadas sob forte sigilo.

Eu já vivia com uma presa política, hoje minha mulher devidamente anistiada, à época foragida, exilada e sob falsa identidade caçada pelo regime.

Como aparecer e requerer tal regularização !!!

Entendeu? Os militares, acenaram com vantagens para na verdade apenas fechar o cerco.

Claro, os já comprometidos tudo tinham a ganhar e receberam.

São os mesmos em qualquer regime, aos nossos e são muitos também não faltam vorazes apetites por boquinhas, corrupções e tráfico de influências.

Basta ver as lotações de cargos nos Gabinetes das Câmaras, Senado, Judiciários, Prefeituras, Executivo e etc. Poucos íntegros e muita sacanagem.

Nossa mídia idem, piores ainda, desfrutam do poder decorrente para serem totalmente corruptos, as exceções são mínimas, concentradas principalmente em pequenos veículos, meu caro, não se iluda, a "liberdade de imprensa" na maioria das vezes é simples retórica.

Voltando, razão porque deveria ser um direito retroceder no tempo, anular o Ato e abrir àqueles então impedidos pelas razões óbvias o seu reconhecimento profissional.

Abraços e boa sorte,

Blumen - " Jornalista independente é o que está desempregado".

.  
**De André Boeira Society e Sui Generis**  
**<andreboeirars@hotmail.com>**  
**Para sanmaxwell@gmail.com**  
**Data 31 de março de 2009 19:12**

**Assunto FW: EU SOU JORNALISTA POR TALENTO E NÃO POR  
FORMAÇÃO! URGENTE - ANTES DA VOTAÇÃO - POR FAVOR!  
enviado por hotmail.com**

Olá, adorei este teu artigo. Hoje enviei para os Ministros do STF um texto meu e coloquei o seu também. Espero que dê tempo de algum deles analisarem. De uma olhada abaixo na íntegra.

Abraços

**André Boeira**

---

From: [andreboeirars@hotmail.com](mailto:andreboeirars@hotmail.com)

To: [mgilmar@stf.gov.br](mailto:mgilmar@stf.gov.br); [isabelc@stf.gob.br](mailto:isabelc@stf.gob.br); [macpeluso@stf.gov.br](mailto:macpeluso@stf.gov.br);  
[mluciam@stf.gov.br](mailto:mluciam@stf.gov.br); [mcelso@stf.gov.br](mailto:mcelso@stf.gov.br); [piazzi@stf.gov.br](mailto:piazzi@stf.gov.br); [mmarco@stf.gov.br](mailto:mmarco@stf.gov.br);  
[marcosp@stf.gov.br](mailto:marcosp@stf.gov.br); [ellengracie@stf.gov.br](mailto:ellengracie@stf.gov.br); [angelotabet@stf.gov.br](mailto:angelotabet@stf.gov.br);  
[gabcarlosbritto@stf.gov.br](mailto:gabcarlosbritto@stf.gov.br); [beatriz@stf.gov.br](mailto:beatriz@stf.gov.br); [mjbarbosa@stf.gov.br](mailto:mjbarbosa@stf.gov.br);  
[marco@stf.gov.br](mailto:marco@stf.gov.br); [egrau@stf.gov.br](mailto:egrau@stf.gov.br); [alexandram@stf.gov.br](mailto:alexandram@stf.gov.br); [lewandowski@stf.gov.br](mailto:gabinete-<br/>lewandowski@stf.gov.br); [patriciaml@stf.gov.br](mailto:patriciaml@stf.gov.br); [clarocha@stf.gov.br](mailto:clarocha@stf.gov.br);  
[eduardost@stf.gov.br](mailto:eduardost@stf.gov.br); [gabmdireito@stf.gov.br](mailto:gabmdireito@stf.gov.br)

Subject: EU SOU JORNALISTA POR TALENTO E NÃO POR FORMAÇÃO!  
URGENTE - ANTES DA VOTAÇÃO - POR FAVOR!

Date: Tue, 31 Mar 2009 19:02:11 -0300

**EXMOS. SRS. MINISTROS DO STF**

**EU SOU JORNALISTA POR TALENTO E NÃO POR FORMAÇÃO!**

Sou gaúcho. Tenho 40 anos. Sempre defendi a liberdade de expressão e a ética. Sou contra a discriminação. Tenho acompanhado ao longo dos anos a luta da categoria em defesa do diploma da profissão. Não quero entrar em detalhes ou políticas sindicais. Mas eu sou um jornalista "precário" com muita honra. Não sou analfabeto como generalizam numa matéria que li no site da categoria. Sou Técnico em Administração de Empresas. Atuo no jornalismo por vocação, talento e porque amo a profissão. Estou desde 1992 escrevendo em jornais, revistas e o meu trabalho reconhecido inclusive por colegas diplomados -

Muitos passaram por mim (Alexandre Oltramari - Trabalhou na Revista Veja - foi um estagiário que cruzei e vi começar).

Não fiz a faculdade por motivos óbvios do sistema - a faculdade não é para todos. Salvo exceções, as pessoas que lá estão cursando, mesmo bolsistas, dependem de auxílio. Eu não tive apoio dos meus pais. Até porque eles não podiam ajudar a financiar uma faculdade. Comecei fazendo coluna social. Logo já fazia reportagens, fotos, artigos, opiniões coberturas, fui editor do principal jornal de minha cidade e hoje sou proprietário do meu próprio jornal - uma publicação mensal, independente, mas muito bem impressa. Penso em me especializar - talvez em artes gráficas (mais útil). Acho que a faculdade de Jornalismo te forma para ser empregado e pra dizer que tem diploma. Assim como falam que os precários são analfabetos, também pode ser dito que uma boa parte de profissionais formados em faculdades e universidades não tem condições de trabalhar na prática do Jornalismo.

Cansei de ver jornalistas recém formados não sabendo coisas básicas, desinformados e bitolados por fórmulas universitárias ridículas. Outros sequer atuam mais porque se deram conta de que só tem um diploma. Também existem jornalistas antigos e formados que se perderam no tempo - não sabem trabalhar sequer em computador. Tenho uma filha para sustentar e vivo da minha profissão "Jornalista Precário". Está na minha carteira de trabalho (vou lutar por esse direito até o fim. Espero o desfecho, inclusive entrarei com ações na justiça, se for preciso).

Mas, isso nunca me atrapalhou, pois na prática à comunidade e o meio onde atuo me respeita como Jornalista e nunca me questionaram se tenho ou não diploma. A federação e o Sindicato do RS jamais procuraram se informar quem são os precários. E posso dizer que diminuíram consideravelmente. Muitos sequer atuam mais. Foram engolidos pelo mercado disputado. Neste ramo ninguém consegue enganar por muito tempo (até mesmo os diplomados não conseguem).

Deveriam analisar caso a caso. Existem "precários" bem profissionais. Eu, por exemplo, guardo quase tudo que escrevi, digravei, criei, fotografei. A prática é a melhor maneira de se mostrar o que se sabe. Posso ser uma das exceções, e por isso estou chamando a atenção do órgão máximo da categoria. Tem gente ruim com diploma e sem diploma. Não podem generalizar!

Se querem mostrar trabalho sindical, façam, mas cuidado para não cometerem injustiças. Os grandes veículos de comunicação exigem o diploma. As grandes empresas também. O próprio mercado já seleciona os profissionais. Já é prática colocar nos anúncios de seleção a exigência de diploma. O que não se pode admitir é que a Federação dos Jornalistas tente impedir pessoas como eu de trabalhar honestamente.

Eu consigo desempenhar de maneira satisfatória para o mercado onde atuo. Se tiver que trabalhar numa Zero Hora já sei das exigências e procurarei me especializar para isso. Não é o meu caso e de outros profissionais que estão na luta. Por enquanto não estou precisando contratar ninguém com diploma para fazer o que sei.

Sugiro que busque saber quem é quem dos precários. Montem um processo para cada um deles e se for o caso, reconheçam esses profissionais. No passado já fizeram isso. Muitos profissionais, que ainda atuam, possuem (por força de lei) o registro reconhecido pelos sindicatos sem diploma de jornalista. Exijam tempo mínimo de atuação. Recortes, gravações, registros de que o profissional atua. Mais: podem pegar por declaração, o reconhecimento dos próprios profissionais da área (formados). Jamais um jornalista diplomado irá abonar um "precário" que seja analfabeto ou que não esteja atuando na área.

No meu caso, consigo um abaixo assinado de colegas diplomados que trabalharam comigo e reconhecem minha capacidade. O diploma em hipótese alguma será ferido com isso. Como já disse, o mercado escolhe o perfil do profissional. É pouco provável que um precário vá ser admitido num Grupo RBS, por exemplo. Mas um "precário" pode ser um jornalista criativo e eficaz

no meio onde atua. Ronaldinho Gaúcho não precisaria de escolinha para se tornar o grande jogador que é, nem Pelé, nem Garrincha.

Esta é a opinião de um profissional sério, que compõe a minoria "precária" não reconhecida pela Federação Nacional dos Jornalistas. peço serenidade na decisão do dia 1º de Abril. Pensem que o Presidente da República não é letrado e tem muito mais poder do que um simples Jornalista Precário! Se decidirem pela FENAJ, estarão decidindo para os poderosos. Muitos compartilham desta minha opinião e só não se manifestaram antes por medo de retaliações da categoria. Eles perseguem Jornalistas Precários e pregam Liberdade de Expressão! Peço que leiam também o artigo abaixo. Muito interessante e embasado em cima leis e de tratados universais.

CORDIALMENTE,

**Carlos André Boeira de Oliveira**  
**Reg. Prof. MTB/RS nº 9913**  
**RG. 90447511221**  
[E-mail:andreboeirars@hotmail.com](mailto:andreboeirars@hotmail.com)

de **Rafael** . <[rafa\\_peah@hotmail.com](mailto:rafa_peah@hotmail.com)>  
para [sanmaxwell@gmail.com](mailto:sanmaxwell@gmail.com)

**data** 8 de abril de 2009 16:08  
**assunto** Fim do diploma para Jornalistas  
**enviado por** hotmail.com

Devido a um sonho de criança que não pode ser realizado devido você não ter passado no vestibular mesmo com dois anos de curso ou por não ter condições de bancar uma Universidade particular, não justifica sua posição em relação ao fim da obrigatoriedade do diploma para milhares de pessoas que já o possuem e de grande parte de que está estudando para ter um.

Essa sua revolta sua por não ter um diploma para atuar como JORNALISTA e sim como HISTORIADOR deve fazer você repensar o que escreveu naquele artigo e se colocar no lugar de muitas pessoas que podem ter sua carreira jogada no lixo! Jogada mesmo, pois se tudo acontecer como você gostaria que fosse, as empresas de comunicação vão pagar salários baixíssimos aos novos 'jornalistas'. Gostaria que fosse colocado em pauta a graduação em História para ver sua reação! (rs)

de Fenai Faibra 70 Anos 1939-2009 <fenaifaibra@abn.com.br>  
para sanmaxwell@gmail.com

**cc** editor@abn.com.br,  
diretoria@abn.com.br  
**data** 7 de maio de 2009 03:51

**assunto** Fwd: O artigo: O fim do diploma de jornalista por Maxwell dos Santos

**enviado por** abn.com.br

Prezado Maxwell dos Santos

Bom Dia.

Parabéns pelo seu artigo intitulado "O Fim do Diploma de Jornalista".

Nesta oportunidade, peço-lhe, autorização para que as entidades e os veículos de comunicação afiliados a Fenai, através da ABN News - Agência Brasileira de Notícias [ [www.abn.com.br](http://www.abn.com.br) ] possa publicar o seu importante artigo, sem ônus para os veículos de comunicação que a publicarem, já que a modalidade matéria jornalística ARTIGO DE OPINIÃO não é comercializada pela ABN e sim, disponibilizada gratuitamente para todos os veículos de comunicação.

Concordando, você poderá enviar uma autorização nesse sentido para editor@abn.com.br com cópia para diretoria@abn.com.br

Acreditamos e temos a certeza que a publicação de seu importante e elucidativo artigo muito contribuirá para despertar nos ministros do STF uma posição mais justa, por ocasião do julgamento que se aproxima relativo ao processo no STF: "exigência do diploma para o exercício da profissão de jornalista"

Cordialmente,

J.H. de Oliveira Júnior - Presidente  
Federação Nacional da Imprensa - Fenai  
[www.fenai.org.br](http://www.fenai.org.br) - [www.fibra.org.br](http://www.fibra.org.br) - [www.imprensa.org.br](http://www.imprensa.org.br)  
(61) 8412-0520 - (61) 30417967

# REPERCUSSÕES NO OVERMUNDO

**Higor Assis · São Paulo (SP) · 21/1/2009 09:09**

Caro Maxwell.

Você então está dizendo ( quer = dizer, disse ) que os veículos de comunicação é que devem exercer o papel da universidade? Pegam profissionais (formados) de outras áreas, modulando eles da forma que eles bem entendem e assim os empregando para produzir reportagens, matérias, documentários para estes veículos ?

Será, prezado Max (posso te chamar assim) que estes veículos não direcionariam (os novos jornalistas) com o pensamento institucional e/ou político para a prática de idealizar a eles o que querem...

Enfim, é um assunto importante, que porventura já foi discutido e continuara a se discutir ( espero que seja no meio acadêmico) onde podemos dizer que estão as cabeças pensantes.

**Marcos Antodeoli · Itália · 22/1/2009 17:26**

Maxwell, entendo a sua posição, a sua idéia, e devo respeitá-la, mas o Brasil dos "pseudos-jornalistas" que disseram e dizem "maiores informações"; "a nível de"... enfim, precisa acabar.

O jornalismo precisa ser reconhecido verdadeiramente como uma profissão, não como um trampolim para outras atividades.

Há vários jornalistas formados e competentes que sequer tiveram condições de começar a trabalhar e atuam em outras áreas, simplesmente pelo fato de terem suas possíveis vagas ocupadas por administradores de empresas, professores, advogados e até por "supostos jornalistas" que sequer terminaram o primário.

Se existe o curso de formação, então é preciso exercitar, claro, com o trabalho dentro do segmento proposto.

Se vc forma em História, precisa trabalhar como historiador, jamais como Jornalista.

Esse é o meu entendimento.

Abraços, Marcos/BH

**Luiz Geremias • Curitiba (PR) • 22/1/2009 18:55**

Maxwell, parabéns pelo texto e por puxar essa conversa que dá pano pra manga, é complexa e toca vários tópicos fulcrais à organização da sociedade em que vivemos.

Higor, sua objeção é boa e oportuna. Os veículos seriam, pela proposta contida em um trecho de teu texto, responsáveis em treinar os jornalistas. Isso poderia fazer com que o jornalismo acabasse sendo, apenas, veículo das empresas jornalísticas. Ok, isso seria péssimo.

Mas, cá pra nós, é isso o que já acontece e dentro das faculdades. Para não ser leviano, pois, neste momento, tenho apenas as fontes mas não as provas do fato, há empresas de comunicação que já “adotaram” cursos de formação de jornalistas. Os profissionais que se formam nesses cursos já saem pré-moldados. Quando as empresas não “adotam”, ocorre que as faculdades contratam “profissionais reconhecidos no mercado”. O que esses profissionais mercadológicos fazem? Preparam os alunos de acordo com os moldes dos veículos nos quais trabalham.

Entendo, assim, que esse argumento não é adequado, embora deva ser posto, inclusive para que pensemos que formação está sendo oferecida aos jornalistas.

Marcos, os jornalistas formados disseram e dizem "maiores informações"; "a nível de"... Dizem mais. Dizem que “fulano não tem nada a comemorar” tantas vezes quanto podem, dizem “isso é uma vergonha” aos borbotões, dizem inúmeros outros jargões que a enfadonha leitura diária de jornais pode demonstrar. E gostam de usar frases de efeito, brincar com nomes de filmes, livros e canções. Fazem isso de forma demasiada. O que quero dizer é que isso ocorre com ou sem diploma.

E mais: nos telejornais, veja, são sempre as mesmas posturas, geralmente o mesmo cenário e a mesma entonação. Leia as reportagens dos jornais. Cada texto é um soldadinho enfileirado em seguida a outro. Textos iguais, sem qualquer estilo ou criatividade. E de jornalistas diplomados.

O jornalismo ser reconhecido como uma profissão está certo. Mas, não sei bem o porquê de um curso universitário nos moldes do jornalismo que conhecemos no Brasil, que segue o modelo do dito “jornalismo americano”. O aluno de História estuda os fatos do passado e é apresentado teorias de abordagem desses fatos. O aluno de psicologia conhece teorias e técnicas que decodificam a alma humana. O aluno de sociologia gira seus interesses em torno de teorias que o ajudam a entender a sociedade, o fato social, a cultura etc. E o de jornalismo? Aprende a fazer lead? Aprende a fazer roteiro? Aprende a chamar declaração de “aspas”, entrevista de “sonora”? Ora, uma faculdade para isso? Qual a teoria do jornalismo?

Se formos perguntar a qualquer estudante sobre a teoria do jornalismo, não sei não, mas aposto que ele dirá que não sabe ou falará em passant de uma tal Escola de Frankfurt. Haverá os que dirão que não querem saber disso. Eles querem é “prática”, dizem desde o primeiro período. Prática sem teoria? Isso parece “voou cego”, não é? Cheira mesmo a burrice. E esses serão os jornalistas formados que, com sua mediocridade ampliada nas aulas “práticas” – preparadas para os veículos, já disse acima – receberão seus diplomas no fim de quatro anos e muito dinheiro gasto.

Também não concordo que jornalistas formados e competentes não trabalham porque advogados, professores e outros tomaram suas vagas. Observo, na prática, que esses lugares foram tomados pelos jornalistas formados mais preparados para atender à “liberdade de empresa”, não de imprensa. Sob um certo ponto de vista, não os considero competentes, considero-os bonecos. E conheço excelentes jornalistas, meus colegas, que penam para conseguir trabalho, pois não são tão bonecos como os veículos desejam.

Enfim, amigos, sou jornalista e posso dizer que conheço aproximadamente essa realidade. Não posso concordar com o diploma, por uma questão ética, não de interesse de mercado.

Novamente parabênzo a você, Maxwell, pelo texto, e ao Higor e ao Marcos pelas questões levantadas, que, com certeza, merecem reflexão. Abraços fraternos.

**Higor Assis · São Paulo (SP) · 23/1/2009 09:59**

Entendi seu ponto de vista. O que você cita neste trecho: "Os profissionais que se formam nesses cursos já saem pré-moldados. Quando as empresas não "adotam", ocorre que as faculdades contratam "profissionais reconhecidos no mercado". O que esses profissionais mercadológicos fazem? Preparam os alunos de acordo com os moldes dos veículos nos quais trabalham".

Este problema é do ensino superior e da formação acadêmica, não teria haver com a ética de um outro profissional ocupar o lugar de um jornalista. Por exemplo, eu não sou nem contra e nem a favor do diploma (mesmo eu tendo acabado de me formar em jornalismo), sou a favor do bom profissional independente da profissão, porém esta acontecendo uma inclusão de profissionais de outros setores para escrever matérias específicas, neste caso tudo bem, pois eles entendem e vivenciam mais este caso. Mas colocar no dia-a-dia, no batente, profissionais de outras áreas é complicado e acaba desgastando/desvalorizando o profissional que acredita no ideal do jornalista - não posso acreditar ainda em utopia.

# REPERCUSSÕES NO OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA

**Eduardo Lettieri , São Paulo-SP - free**

Enviado em 27/1/2009 às 4:50:49 PM

Pode dormir tranquilo que esse absurdo logo logo será enterrado, malgrado os interesses sindicalistas.

**Maurício Tuffani , São Paulo-SP - jornalista**

Enviado em 31/1/2009 às 8:57:35 AM

Discordo do artigo. O autor, assim como o citado antropólogo George Zarur, omitem o fato de que o inciso XIII do artigo 5º de nossa Constituição prevê a possibilidade de serem exigidas por lei qualificações necessárias para o exercício de profissões. Não basta, portanto, uma profissão não envolver risco (se é que não envolve) para não se exigir qualificações específicas. Com base no dispositivo constitucional citado, o argumento essencial contra a obrigatoriedade de diploma específico é que ela só se justifica quando ele é CONDIÇÃO NECESSÁRIA para as qualificações profissionais exigidas. No caso do jornalismo, por exemplo, a exigência cai por terra imediatamente devido à abundância de contra-exemplos em todo o mundo, espelhada inclusive em legislações de outros países. Fora isso, o item 6) distorce absurdamente as palavras de Cláudio Abramo, como se ele tivesse sido um apólogo dos interesses patronais. O item 9) também é problemático: o fato de não ser necessário a formação específica em jornalismo não implica simplesmente que basta a alguém ser graduado em outra área para exercer a profissão. Não é qualquer um que pode ser jornalista, nem as redações devem ser a casa da mãe joana.

**Alessandro Silva , Brasília-DF - Assessor de Imprensa**

Enviado em 31/1/2009 às 8:43:46 PM

Quando o pré-requisito para jornalista for escrever bem, lamentavelmente, estaremos na lama... A questão do diploma é séria e não pode ser discutida com simplificações. Com a exigência do diploma já encontramos sérios problemas de apuração, outro lado e de análise de contexto... o bom e velho jornalismo está morrendo diante da preguiça da internet! Há que se pensar em formas para abrir o leque do diploma para outras carreiras que façam mais do que escrever bem.

**Benê Silva , São Paulo-SP - jornalista**

Enviado em 31/1/2009 às 9:42:59 PM

Santos, pense melhor. Imagine as redações lotadas de médicos, advogados, engenheiros, etc., ou mesmo escrevendo em casa, por exemplo, independentemente da habilidade, como você sugere, somente porque o assunto específico de cada um estivesse em alguma pauta. Jornalista também pode fazer isso, ou seja, embasar suas matérias ouvindo os técnicos. A tal Fenaj está no encaixo dos não-diplomados que labutam tanto quanto (ou mais) que os diplomados, não colocaram em risco nenhuma vida humana desde sempre ainda que seja esse um dos argumentos (toscos) da tal federação. Imagine adotar sua tese? No mais, como bem disse o Lettieri, o assunto está no estertor e o STF resolve a questão baseado em um ou dois artigos. Ou você acredita que o atual mutismo dos defensores da obrigatoriedade é apenas uma estratégia? Não é, meu caro. Falta conteúdo.

**Cecílio Bastos , Juazeiro-BA - Estudante de Jornalismo/UNEB**

Enviado em 1/2/2009 às 12:06:55 PM

Imaginem um delegado de polícia publicando um boletim de ocorrência. Pior! Imaginem um "BO" com crianças e adolescentes envolvidos sendo publicado. Jornalismo é construção da realidade. Colocar no lixo todo um processo de aperfeiçoamento da ciência é se demonstrar irresponsável e indiferente à humanidade. O curso de jornalismo não é um curso técnico. Grande parte dos estudantes estão antenados e voltados para o desenvolvimento de uma mídia que eduque, informe e contribua para o enaltecimento do humano. Lembre-se que o terrorismo midiático está em evidência. Estamos pagando o preço de permitir que políticos se utilizem da mídia para autopromoção. Pois então Maxwell dos Santos, parece que os políticos estão cuidando muito bem das editoriais de política não é mesmo? Sem contar das redes de tevê, rádios, etc... Pense bem e revise a história!

**Jussara Joanita , Santa Luzia-MG - Estudante de Jornalismo**

Enviado em 2/2/2009 às 2:54:11 PM

Discordo do artigo. Com certeza o autor apresenta várias questões que nos faz rever nossos conceitos em relação ao problema mencionado. Mas, imaginemos, uma pessoa qualquer praticando a ciência da medicina ou do direito. Certamente seria um desastre. Por mais que o Jornalismo não trate diretamente com a vida ou com a segurança, é uma profissão que requer muito cuidado, técnica, entre outros itens que qualquer profissional necessita ter para obter um bom resultado. Portanto, é uma ciência que, sim, envolve a necessidade de um preparo, que conseqüentemente é representado por um diploma.

**Sergio Ribeiro , São Paulo-SP - Bancário**

Enviado em 1/4/2009 às 10:43:45 AM

O texto tem bons argumentos mas carece de um certo excesso de otimismo e adivinhação. O simples fato de tirar o diploma não necessariamente pode traria mudanças em currículos e o uso de profissionais com formações em outras áreas não necessariamente melhoraria a qualidade das pautas. Isso não é uma coisa automática. A não necessidade de diploma daria sim ao empregador a possibilidade de contratar aqueles que bem entenda, fato preocupante no país do pistolão; e as outras profissões sofrem dos mesmo males que o jornalismo: faltam profissionais minimamente qualificados para exercerem cargos da maior responsabilidade, como por exemplo, um concurso de magistratura, se não me engano no Rio, que ofereciam 50 vagas, teve 2.300 candidatos e somente 3 aprovados. A questão como um todo precisa de debate mais amplificado e não pode cair num fácil maniqueísmo.

**Marcelo Vicente , Porto Alegre-RS - Jornalista**

Enviado em 1/4/2009 às 12:36:55 PM

Um dos absurdos deste artigo é considerar como decreto que profissionais de outras áreas conseguem passar uma informação com clareza para uma público maior, ou que saibam escrever bem.

**Ariane Fonseca , Lavrinhas-SP - Estudante de Jornalismo**

Enviado em 2/4/2009 às 9:11:49 AM

Eu acho um absurdo esta discussão, pois o jornalismo é uma atividade intelectual que, como qualquer outra, prescinde de obrigação de formação superior. Afirmar que qualquer pessoa razoavelmente bem informada pode ser jornalista é um absurdo. Onde fica a ética da profissão? O compromisso com a objetividade e a imparcialidade? As técnicas para escrever um bom texto jornalístico? Esta é uma visão mesquinha e que põe o jornalista como um profissional sem qualquer valor. Se essa máxima fosse verdadeira, qualquer pessoa com bom nível de formação, de conhecimento, poderia também ser juiz, advogado, arquiteto, professor, médico... Não é preciso muito para se ler e entender de legislação, processos, etc. Muito menos para ministrar aulas e conversar com crianças e adolescentes. Escrevi um post no meu blog sobre esse assunto, veja: <http://www.arianefonseca.com/no-dia-da-mentira-a-luta-foi-pela-verdade>

**Oséias Freitas, Rondonópolis-MT - Editor**

Enviado em 2/4/2009 às 10:33:06 AM

Ora, o simples fato de cobrar o diploma dos profissionais de jornalismo, não significa que a categoria vai estar amordaçando o livre direito dos demais profissionais expressar seus pensamentos. Deixo aqui algumas indagações: Hoje em qualquer categoria se faz necessário o certificado de reconhecimento da profissionalização que o mesmo exerce. Desde um padeiro, pedreiro de obras até o médico, porque somente na área do profissional de comunicação (jornalismo) não será obrigatoriedade? Para narrar um fato reportar algum acontecimento o cidadão deve no mínimo ter conhecimentos básicos e princípios éticos, o jornalista vai estar sempre trabalhando com fatos alheios, onde sempre terá vidas e comportamentos que poderão ser julgados pela opinião pública. Isso pode causar um grande prejuízo nas vidas das pessoas envolvidas em determinadas reportagens. Todo jornalista deverá sim ter o Diploma isso significa que o mesmo passou quatro anos estudando e analisando casos e mais casos, para levantar os erros e os acertos dos futuros colegas de profissão. Então pra que tirar o registro junto a OAB, basta eu ler os livros que trata dos direitos penal, e civil e adquirir um pouco conhecimento na área e começar atuar no mercado será que esta certo ? Afinal todo cidadão tem o direito de fazer sua defesa pra que contratar um advogado ? Cada um no seu lugar, respeitar uns aos outros é cidadania.

**Vicente Aquino , São Paulo-SP - Jornalista**

Enviado em 2/4/2009 às 2:36:17 PM

Nunca vi tanta bobagem em um único texto. Dizer que a profissão de advogado mexe com a vida e a segurança das pessoas e a de jornalista não, é dos maiores absurdos que já li em minha vida. É só colocar nas redações, como propõe o autor, delegados para redigirem textos e orientarem repórteres e, quem sabe, descobriremos mais sobre a arte das torturas policiais.

**Fernando Jorge , Vila Velha-ES - Estudante**

Enviado em 2/4/2009 às 3:35:36 PM

O argumento 2 não faz muito sentido. O argumento diz que a universidade cria um profissional preparado (ou seja, o diploma importa), mas só admite essa possibilidade para a federal, o que não é bem verdade. Faculdades particulares conseguem pontuações tão boas quanto ou melhores do que federais, e além do mais, tão importante quanto ou até mais importante do que a instituição é o aluno.

**Ivo Reis , Campo Grande-MG - Auditor Fiscal**

Enviado em 8/4/2009 às 7:46:25 PM

O assunto é muito complexo e as opiniões se dividem. Mas, no geral, e pelo que vi aqui, vou sair em defesa do articulista. Observem que a maioria dos comentários anteriores são de jornalistas, estudantes de jornalismo ou de pessoas ligadas a entidades que defendem esta categoria profissional. Portanto, estão falando em causa própria, sendo seus comentários afetados por essa circunstância, o que é natural e compreensível. Mas as conseqüências de uma revisão não cuidadosa da Lei de Imprensa e da imposição de uma obrigatoriedade de um diploma para se manifestar publicamente na mídia, vão muito além e não podem cercear o direito à livre manifestação do pensamento, o que seria inconstitucional. À luz do Direito e sem que se altere a CF "não se pode exigir, como obrigatoriedade, diploma de jornalista para que alguém exerça algumas atividades inerentes a esta profissão, principalmente em matérias de caráter opinativo. Quanto às de caráter noticioso informativo, até seria aceitável a exigência, no que se refere às mídias convencionais (jornais, revistas e televisão), pois existem normas e critérios que devem ser seguidos. Mas as exigências, quando muito, deveriam ficar restritas a esses veículos e só. Por falta de espaço, não há como se aprofundar mais. Basta lembrar que a matéria é perigosa e poderá abrir precedentes para uma "lei da mordaza", controlada pelo Estado.

# **REPERCUSSÕES NO CENTRO DE MÍDIA INDEPENDENTE**

## **Concordo**

Raymundo Araujo Filho 21/01/2009 12:10

Em Gênero, Número e Grau.

O jornalismo corporativo e filhote da mídia corporativa empresarial.

Artigo bem escrito este. Melhor que muito jornalista.

## **Também concordo!**

Eustáquio 21/01/2009 15:48

Também acho que o bom jornalista não se forma nas faculdades. Saber escrever e escrever bem envolve cultura, leitura e uma pitada de dom, coisas que a faculdade não proporciona.

Um curso de técnicas de jornalismo e um código de ética que pudessem ser oferecidos pelos sindicatos resolveriam plenamente o problema.

Para receber carteira de jornalista, os interesses fariam estágio nas redações dos jornais e os cursos mencionados, que não durariam mais do que seis meses.

Fora disso, realmente, é criar dificuldades para o exercício constitucional da liberdade de opinião e de expressão. E garantir fatias do mercado para alguns poucos.

## **O fim do diploma de jornalista**

Maxwell dos Santos 05/04/2009 19:53

[hpc\\_x@yahoo.com](mailto:hpc_x@yahoo.com)

<http://www.lives.synthasite.com>

Oi, Maxwell,

Voce poderia me enviar

(ou enviar um outro artigo complementar ) pra este mesmo site com mais detalhes (e, principalmente, fontes , mas fontes exatas, sites, datas) sobre a não obrigatoriedade de diploma nos países mais desenvolvidos que voce cita? Suíça, (não sei se

Você citou Finlândia, talvez onde haja melhor nível educacional), Suécia, Dinamarca, Holanda.

Uma vez vi uma reportagem na revista Carta Capital, faz anos, que se referia e dizia mais ou menos o mesmo que você diz, mas citando apenas casos nos estados unidos.

Sobre os supostos altruismos... defendendo o diploma para... ética e... qualidade, vejam-se diariamente as contribuições dos jornalistas e colunistas atuais, mas, principalmente, vejam a exaustiva dissertação para Doutorado em História

Pode-se baixar gratuitamente a dissertação que deu origem ao livro

“Cães de Guarda: jornalistas e censores do AI-5 à Constituição de 1989”, de Beatriz Kushnir, Universidade Estadual de Campinas, 2001.

Trata das relações especiais da Folha (e a Folha da Tarde) com a repressão dos anos militares.

Octavio Frias Filho, publisher da Folha (da Tarde), não quis dar entrevista a Kushnir.

OBS:

Raríssimas vezes acesso o site midiaindependente. Acesso vez ou outra o ( novo ) site

[www2.paulohenriqueamorim.com.br](http://www2.paulohenriqueamorim.com.br)

( por sinal, site frequentemente "sumido" dos resultados dos buscadores Googles e etc..., como havia sido o site anterior, que, na minha opinião, ainda era melhor, mas talvez menos frquentado ).

Saudações,

Humberto

# CITAÇÕES NA INTERNET

## **Contra obrigatoriedade do diploma de jornalismo**

*Por Alexandra Martins*

*Publicado originalmente no blog *Fotografia sem preconceito* <[www.fotografiasempreconceito.wordpress.com](http://www.fotografiasempreconceito.wordpress.com)>*

Ontem (31/03) escrevi um artigo pra um blog de amigos sobre minha posição acerca da obrigatoriedade do diploma de jornalista.

Para os que chegaram agora explico o que está acontecendo. Hoje (01/04) o Supremo Tribunal Federal (STF) deve se manifestar sobre este tema. Os ministros do STF julgarão um recurso interposto pelo Ministério Público Federal e pelo Sindicato das Empresas de Rádio e Televisão do Estado de São Paulo. O MPF alega que jornalismo é uma atividade intelectual que prescinde de obrigação de formação superior.

Antes de tudo é importante ressaltar que não sou contra o jornalismo, nem o jornalista, muito menos do livre exercício de comunicação. Há um senso comum de se imaginar que pessoas que se coloquem contra a obrigatoriedade do diploma seriam contra o jornalismo ou favor da censura. Sou estudante de jornalismo e me formo no próximo ano. Portanto sou uma exceção à regra e prova viva que nem todas as pessoas que se colocam contra a obrigatoriedade do diploma de jornalista seriam “censores” ou contra o curso. É sempre importante deixar isso bem claro porque esta discussão deixa as pessoas um tanto à flor da pele.

Sou contra a obrigatoriedade de um curso de jornalismo diante do contexto atual que nossa classe enfrenta: estudantes que saem da universidade

com uma formação ruim e profissionais que não têm seus direitos trabalhistas respeitados.

Discutir a obrigatoriedade ou não do diploma é importante? Com certeza! Mas qualquer que seja a decisão do STF sobre o diploma de jornalismo, não vai dar em nada se outras questões mais latentes não estão sendo colocadas em pauta. No final vai ser muito barulho e pouca, ou nenhuma ação.

### **Comparação com outras profissões**

Acho fraco o argumento daquelas pessoas que se utilizam da comparação com outras profissões para defenderem o diploma de jornalismo. Mesmo que o tema em questão seja “obrigatoriedade do diploma” não é possível comparar profissões porque elas apresentam estruturas e históricos diferentes. Faculdades de Medicina e Direito tem notas “A” e “B” no Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE), os cursos de Comunicação tiram em média “C” e “D”. Médicos e advogados tiram férias, têm FGTS e possuem uma classe trabalhadora forte. Muito o contrário acontece na profissão de jornalismo.

O bom jornalista é aquele que possui uma formação cultural sólida, que não se adquire somente na faculdade, mas pelo hábito de leitura e exercício da prática profissional.

### **Curiosidades**

Na maioria dos países o diploma não é obrigatório. Isso acontece porque a mentalidade que vigora é a de que não pode haver impedimentos para qualquer cidadão ingressar no jornalismo, mas até criar e manter o seu próprio jornal.

Parece que o Brasil, mais uma vez, vai demorar pra superar essa discussão e vai ficar a “ver navios”. A formação superior em Jornalismo para a prática da profissão não é necessária, tampouco condição suficiente para o exercício da profissão, nos seguintes países: Alemanha, Argentina, Austrália,

Áustria, Bélgica, Chile, China, Costa Rica, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos, Finlândia, França, Grécia, Holanda, Hungria, Irlanda, Itália, Japão, Luxemburgo, Peru, Polônia, Reino Unido, Suécia, Suíça e muitos outros.

Para finalizar sugiro leitura de um artigo publicado no site Observatório da Imprensa. O documento foi escrito por Maxwell dos Santos, um estudante de história da Universidade Federal do Espírito Santo.

Acho muito rico quando pessoas de outras profissões se apropriam do debate de outros campos. Isto acontece porque algumas ciências permitem interferência de terceiros pelo simples fato de não terem um dono, mas vários donos.

E é isso pelo o que eu luto.

É isso que eu acredito: numa verdadeira democratização da comunicação e menos numa comunicação burocrática.

Quando se obriga os jornalistas a terem diploma, conseqüentemente se colocam impedimentos à liberdade de expressão dos que não têm diploma. O que vai ser feito dos jornais de pequena circulação de comunidades carentes e de base? O que vai acontecer com aquelas pessoas que não tem dinheiro pra pagar um curso de jornalismo e apenas querem se comunicar e trocar informações? Sendo que elas são protegidas pela lei do livre exercício de comunicação. Isto dá margem pra acusar as mídias independentes, comunitárias e de base de organizações criminosas assim como acontece com as rádios comunitárias.